

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

RENATA MATIAS DE LIMA

COSTURA DE AFETOS: COSTUREIRA-ESTILISTA-ARTISTA E A PERFORMANCE
QUE (NÃO) ACONTECEU

UBERLÂNDIA
2021

RENATA MATIAS DE LIMA

COSTURA DE AFETOS: COSTUREIRA-ESTILISTA-ARTISTA E A PERFORMANCE
QUE (NÃO) ACONTECEU

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado à Área de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Mestre. Ricardo Alvarenga Ribeiro

UBERLÂNDIA
2021

COSTURA DE AFETOS: COSTUREIRA- ESTILISTA-ARTISTA E A
PERFORMANCE QUE (NÃO) ACONTECEU.

Trabalho de conclusão de curso (TCC)
apresentado à Área de Artes Visuais do
Instituto de Artes da Universidade Federal de
Uberlândia (UFU), e aprovado pela banca
examinadora formada por:

Uberlândia, 18 de junho de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Ricardo Alvarenga Ribeiro – Orientador, UFU/MG

Prof. Dr. Paulo Roberto de Lima Bueno, UFU/MG

Profa. Dra. Raquel Mello Salimeno de Sá, UFU/MG

*com todo meu afeto
para minha mãe...*

AGRADECIMENTOS

À minha amada mãe por me iluminar e se fazer presente em todos os meus caminhos.

Ao orientador Ricardo Alvarenga por acreditar em meus desejos e anseios, me incentivar e me acompanhar com dedicação na construção desta trama.

Ao professor Paulo Buenoz pelas valiosas contribuições dadas no decorrer dessas costuras de vida arte.

Às anciãs Maria Aparecida e Lochebel, professoras de costura e na vida, por todo afeto e apoio incondicional.

Ao meu pai por me permitir ser quem sou e sempre estar disposto a me incentivar como pessoa e artista.

Aos meus afetos, à Família que escolhi partilhar essa caminhada e que, longe ou perto, estão comigo nesses dez anos: Aryane Duarte, Neia Assis, Thaneressa Lima, Kainã Bragiola, Fernando Greco e Paula Peixoto.

Em especial à Luana Oliveira, amiga-irmã, companheira de ap-ateliê, parceira nos estudos, nas costuras e por todo cuidado, troca e afeto.

Às minhas queridas amigas-irmãs Camila Matias, Celina Ortolan Reis, Larissa Lourenço, Roberta Vianna Galatti Braz.

À Marília Tavares, professora de modelagem, costura e todos os ensinamentos de revolução na moda.

Ao Thiago Paulino por seu apoio, olhar afetuoso e os registros em vídeo e Thaneressa Lima pela edição e o olhar atento de sempre.

Ao Provisório Corpo Grupo de Dança por me permitir ser a figurinista e compor junto no Dispositivo Coreográfico.

E à Cia It por acreditar na minha dança, nas minhas costuras e todo o trabalho que compomos junto no querido espetáculo O Baile.

À Mariana Anselmo e Aryane Duarte pelas contribuições na revisão textual.

E a todos os meus afetos, retalhos esses que se permitiram estar costurados em mim e participado dessa trama de costuras que vivi até aqui.

*"não existe nada dado nessa separação radical, nesse
livrar-se das roupas, nessa relegação das roupas ao
meramente simbólico. E eu quero tentar prestar atenção
às diferentes formas pelas quais as roupas fazem parte
de nossa vida e marcam as rupturas que nela ocorrem"*

(Stallybrass, 2008, p. 20)

Resumo

Este TCC é um memorial tramado de minhas relações de vida e arte com a costura, a moda-estilo, e experiências de performance. Nesse alinhavo de peças da vida que me constituem enquanto artista, associo as lembranças de ateliê de costura vividas desde a infância no ambiente familiar materno ao meu encontro com a costura profissional e criativa, a minha graduação em artes visuais, minha ligação afetiva com os amigos e as fissuras que nos acometem nas tragédias da vida. Nesta trama apresento o testemunho de duas performances. A primeira a que não aconteceu, interrompida pelas condições sanitárias da pandemia, a outra, a que aconteceu, justamente por estas condições terem se agravado até os dias atuais.

Palavras-chave: Costura, performance, arte e moda, afeto.

Abstract

This TCC is a woven memorial of my life and art relationships with sewing, fashion-style, and performance experiences. In this line of pieces of life that constitute me as an artist, I associate the memories of a sewing studio I have lived since childhood in my mother's family environment with my encounter with professional and creative sewing, my graduation in visual arts, my emotional connection with friends and the cracks that affect us in the tragedies of life. In this plot I present the testimony of two performances. The first one that did not happen, interrupted by the sanitary conditions of the pandemic, the other, the one that did happen, precisely because these conditions have worsened to this day.

Keywords: Sewing, performance, art and fashion, affection.

Lista de figuras

FOTOGRAFIA 1 – Performance “Mãe – Costuras de afeto”	21
FOTOGRAFIA 2 – Performance “Mãe – Costuras de afeto”	22
FOTOGRAFIA 3 – Performance “Mãe – Costuras de afeto”	22
FOTOGRAFIA 4 – Performance “Mãe – Costuras de afeto”	23
FIGURA 5 – O convite	25

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1. Tramas de uma costureira-estilista-artista	11
1.1 Costura e ancestralidade	11
1.2 Costureira-estilista	13
1.3 Costureira-artista	16
CAPÍTULO 2. Costuras, fissuras e a performance que (não) aconteceu	20
2.1 Primeira fissura	20
2.2 Segunda fissura	23
2.3 Re-costuras	26
ARREMATES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão do curso se apresenta como um memorial tramado de minha relação com a costura, com os afetos e com as artes visuais e cênicas. Nesse alinhavo de tecidos que me constituem enquanto artista, esta que vou me tornando, disponho de 5 partes para essa costura: as lembranças do ateliê de costuras vividas desde a infância no ambiente familiar materno; o meu encontro com a costura profissional, moda estilo e figurino; minha graduação em artes visuais; as linhas de força da vida que me ligam as pessoas de afeto - as mulheres que me gestaram e aos amigos que me acompanham; e a performance que me possibilitou ampliar experiências de presença e atenção as linhas da vida.

Ao me ver frente ao desafio de produzir um trabalho final de curso de bacharelado não tive dúvidas de que gostaria de usar como materialidade as roupas e minhas identificações com a costura. A partir desta posição me dediquei a projetar uma performance, mais especificamente um rito de passagem que pudesse ressignificar roupas, dores e amores vividos e um programa performativo, que geraria também uma instalação.

No entanto, enquanto estava concebendo a ideia do programa performativo e já havia dado início a uma primeira parte das ações, aconteceu o que não poderíamos imaginar. O novo Coronavírus nos interpôs uma condição de isolamento e de confinamento em casa, criando uma espécie de “novo normal” em que os eventos públicos se tornaram uma ameaça à vida. Passamos a ser testemunhas e vítimas de uma crise sanitária em nível global e de atestar os desastres de se morar em um país governado por um genocida que acredita em imunização de rebanho.

Diante desta realidade, mesmo que em muitos momentos paralisada por tantas notícias ruins, me vi impelida a criar um novo programa de trabalho que fosse desdobrado de onde eu já havia partido. As restrições acabaram me levando à novas escolhas, contrárias até ao caminho que tinha traçado em desejo.

O que ficou do programa performativo que não ocorreu foi relatar o que eu havia imaginado fazendo-o existir de alguma maneira.

Da performance que aconteceu, o que caberá aqui serão os registros, uma vez que ela já foi realizada e não mais poderá acontecer. Deixo então minha testemunha textual da experiência vivida, um vídeo das minhas mini obras e algumas reflexões desta artista-costureira-estilista que se apresenta.

CAPÍTULO 1. Tramas de uma costureira-estilista-artista

1.1 Costuras e ancestralidade

Fui uma menina criada por mulheres: avó, mãe e tia. Todas elas costureiras que aprenderam o ofício em casa, ensinando umas às outras e compartilhando seus conhecimentos. Neste contexto vivi minha infância entremeadas às roupas e costuras, fosse no ateliê de minha avó, no canto de costura da casa de minha mãe, no espaço improvisado da minha tia, na lavanderia ou na casa da vizinha costureira. Em qualquer destes cantos, lá estava eu mexendo em botões, retorses e linhas.

Minha avó aprendeu desde cedo a arte da costura, começou fazendo roupas para ela, para o marido e os filhos, e assim seguiu. Posteriormente fez o mesmo para a sequência de netos que foram chegando. Em seu tempo de mulher jovem, costurar era uma espécie de prenda, uma característica feminina que era bem vista para as mulheres consideradas donas de casa.

Minha mãe e minha tia aprenderam a costurar com vovó, mas diferente dela, não ficaram somente no âmbito doméstico. Elas foram trabalhar em fábrica e transpuseram a ação de costurar, do prazer e do costume familiar, para um modo de ganhar dinheiro.

Neste caso, “o saber feminino passou a ser saber feminino profissionalizado” (KÄERCHER, 2017, p.2). E neste contexto, passaram por outras demandas de saberes especializados, de tempo disponibilizado para o trabalho e de retorno material. Enquanto aprendizado, adquiriram habilidades com diversas modelagens, bem como com diferentes tipos de tecidos. Certamente não ganhavam bem financeiramente, já que as costureiras de fábrica são desvalorizadas por seus gestores. Mas gostavam do que faziam e aproveitavam a oportunidade das novas experiências e conhecimentos.

Olhar essa perspectiva das mulheres que me criaram e buscar compreender relações entre a costura e os papéis sociais, e entre os desejos e as memórias, me ajuda a formular o que a costura foi se tornando para mim, como pessoa, mulher, artista, estilista e feminista. Passei a compreender a costura como um modo de vida. Um modo de agir e sentir o/no mundo, enredado de tramas diversas que me constituem e que me foram iniciadas mesmo antes de meu nascimento, através das mulheres que me geraram.

A pesquisadora Karen Käercher ao lançar perspectivas etnográficas sobre os saberes e fazeres de mulheres que costumam, salienta que:

É preciso resgatar a memória das avós, para nos recordamos de um tempo em que a costura fazia parte dos afazeres domésticos realizados no interior do lar, para em seguida entender que as transformações tecnológicas, demográficas e do mundo do trabalho afetam e constituem o mundo atual em que vivemos. (KÄERCHER, 2017, p. 01)

Neste mundo atual, eis-me aqui testemunhando três gerações em que a costura persistiu e se modificou no tempo histórico. Passou de afazeres domésticos para mão de obra de mercado, seguida por ser possibilidade de criação em arte. Me considerando herdeira do saber da costura, me percebo nesta terceira geração, expandindo seus alcances, uma vez que minha costuração não está nem associada a costura do lar, ou para a família, nem para a costura industrial e comercial. Não tenho interesse na costura de forma somente afetiva-doméstica ou técnica, embora também a faço de algumas maneiras. Mas o que me interessa de fato é o aspecto criativo e compositivo, que faz ultrapassar a finalidade das roupas como vestimenta. Faz compreendê-las também no status de arte ou estilo.

Sobre as potencialidades da costura na atualidade Käercher (2017) diz que:

A costura pode até mesmo ser retomada, junto com os bordados como uma forma de subversão feminista em que as mulheres ressignificam uma atividade que por muito tempo foi mantenedora de estereótipos de feminilidade. (KÄERCHER, 2017, p. 2)

Pois é neste modo possível de subversões, ou de novas versões da costura em que me coloco como costureira-artista-feminista-estilista em processo de (des)construção vivendo os novos desafios, as transformações do mundo, o engajamento às pautas dos corpos e existências diversas, às preocupações ambientais e sociais, os desejos de uma política mais justa e os anseios pela arte enquanto possibilidade de resistir e re-existir.

Sou uma jovem mulher, bissexual, tatuada, independente. Levo no corpo as marcas de meu tempo. Vivo as liberdades viáveis, sem escapar das repressões cotidianas. Sou figura muitas vezes tido como estranha para a família e preciso gastar muita energia para bancar meus estilos e ideias neste contexto. E também para grande parte da sociedade conservadora. Ainda assim, sou uma costureira. Isso pode

parecer confuso para aqueles que estereotipizam a costura ligada à imagem feminina da mãe, recatada e do lar ou da funcionária de chão de fábrica que muitas vezes realiza dupla jornada de trabalho por ser também cuidadora de seu próprio lar.

A profissional que me cabe considera importante o saber técnico, o caráter afetivo do cuidado, mas sobretudo as potencialidades criativas, estéticas e políticas que a costura pode trazer. Por escolha, me recuso a trabalhar nas altas demandas de fábricas têxteis ou em costuras de facção – nome dado às indústrias de confecções e vestuário que fazem seus serviços exclusivamente para outras empresas indústria ou comércio, situação em que as costureiras levam as peças já cortadas para costurar em casa ou em suas pequenas confecções. Essa ideia de facção remete a um sistema de subcontratação da produção, que é muito comum na indústria têxtil sendo subvalorizado o trabalho técnico das costureiras. O que vemos neste ramo em geral é a exploração de mão de obra num sistema em que quem ganha mesmo é o patrão.

No meu caso, o que pretendo é promover uma emancipação da costura, como modo de vida, como modo de lidar com o mundo, como ser artista na composição de alinhar desejos, memórias, compartilhamentos, reconstituições e reusos daquilo que podemos ser e fazer enquanto agentes costuradores de mundos.

1.2 Costureira-estilista

Influenciada pelo ambiente familiar de costura e de apreço às roupas, fui desde muito cedo me tornando uma menina reconhecida por um estilo marcante. A customização das minhas próprias roupas era cotidiana e eu sempre fazia uma mistura das minhas peças com as peças do guarda-roupa da minha mãe ou da minha avó. Mesclava roupas e acessórios e me deliciava a cada nova criação. Compor visuais ou *looks*, foi se tornando cotidiano, bem como, a repercussão positiva das pessoas que frequentemente faziam comentários. Neste caminho, fui me interessando em estudar moda e avançar nos conhecimentos deste ramo.

Fiz uma formação no Curso Técnico em Estilismo e Coordenação de Moda pelo Senac em minha cidade natal, Ribeirão Preto/SP. As aulas eram voltadas à História da moda e em especial ao exercício criativo de composição de peças, que originavam *looks* registrados por meio de ensaios fotográficos.

Na formação, alguns eventos foram realizados, como criação de coleção, desfiles e produção de moda. Aprendi um pouco sobre marketing e criação de marcas.

Também houveram aulas voltadas para desenho e criação de croquis. E em aulas de Modelagem Plana, comecei a fazer modelagem e a costurar as primeiras peças de roupa.

Ali, mesmo sem saber, estava começando a costurar um caminho de vida, trazendo no corpo, as histórias das mulheres que me constituíram. Assim como elas, comecei a costurar e com afeto e alegria fui tecendo caminhos de ontem para o amanhã.

Antes de concluir o curso, trabalhei num ateliê de fantasias. Neste ambiente tive contato com outro universo das vestimentas, mais colorido, mais divertido e encontrei dificuldades também. Com outras exigências técnicas de trabalho, comecei a lidar com os desafios de fazer diferentes fantasias e figurinos para circo, teatro e dança.

A partir novas experiências percebi outras nuances das roupas e me aproximei ainda mais da produção de figurinos. Diferente das vestimentas usadas para eventos sociais, o figurino exigia outras compreensões. É preciso se aproximar e apaixonar pelo contexto, entender o conceito do trabalho, as ideias do diretor ou do artista/grupo, se inteirar de como os tecidos reagem à iluminação e à variação de cores, se ocupar do conforto dos artistas, para não limitar seus movimentos. Trabalhar nos efeitos visuais que aquela roupa pode gerar na cena de acordo com a estrutura que a compõe.

Compreendi a importância da vestimenta nos espetáculos ao inferir que o movimento do artista é somado ao caimento da roupa, e que ambos se movem. Notei que roupa também é corpo, é simbiose, em que ambos, artista e vestes se apresentam em coextensão. Passei a me interessar cada vez mais em dar formas nas construções cênicas dos artistas.

O interesse em reconhecer nas roupas outras possibilidades que não somente a de vestimenta social surgiu ainda no período de formação em estilismo em que tive contato com referências de estilistas, que me valeram para expandir a visão sobre nuances do campo da moda. Tive contato com criações que considero obras vestíveis, apontando uma porosidade entre arte e moda. Nomes como Jun Nakao, Alexandre Herchcovith, Ronaldo Fraga, Vivienne Westwood, Alexander McQueen, são exemplos de estilistas que no circuito da moda comercial criaram algumas rupturas nas formas de pensar e compor desfiles-espetáculos de passarela.

Dentre os citados destaco a criação de Jun Nakao, desfile intitulado “A costura do Invisível”, realizado no São Paulo Fashion Week de 2004. Nesta criação as roupas eram todas feitas em papel, um tipo de papel vegetal, e as peças eram recortadas à laser. As formas geométricas e os recortes faziam alusão a bordados e rendas. As peças tinham uma tonalidade de branco que quase feria os olhos, fazendo contraste com esse branco puríssimo, as modelos usavam perucas de plástico pretas, cópias dos bonecos Playmobil, e maquiagem preta nos lábios, sobrancelhas, e usavam uma espécie de segunda pele preta.

O desfile misturava extravagância, impacto, fragilidade e exuberância. Ao ver as modelos desfilando com peças tão delicadas faz parecer que flutuavam na passarela. No entanto, nos últimos momentos, quando as modelos voltam para o agradecimento, elas fazem uma verdadeira destruição das peças. Rasgam todas as roupas e toda a beleza se esfacela. Tudo ali foi um completo espetáculo marcando a efemeridade de tudo.

Todas aquelas roupas meticulosamente pensadas, cortadas, coladas trabalhadas para estarem às luzes dos holofotes vestindo belas mulheres. Nem imagino quantas horas de trabalho foram gastas, não só do estilista, mas também da grande equipe constituída. Tudo isso para uma escolha final de enfatizar o rasgo e despedaçar a beleza nos olhos dos presentes. Nas palavras do estilista:

Finalizamos o ciclo. Nesses 180 dias muita coisa mudou... Redescobrimos a importância de nos surpreendemos com o mundo, de estarmos atentos e sensíveis para encontrar novos sentidos nas coisas mais banais, de um instante de leveza. Redescobrimos que há um possível ainda invisível no real, que é necessário fugir das ações óbvias, ousar, inovar, aprender a navegar num oceano de incertezas em meio aos arquipélagos de certeza que nos cercam, que é preciso pensar como cartógrafos para criar o nosso próprio mapa não se atendo ao estático, mas sensíveis aos movimentos de transformação ao nosso redor. Redescobrimos a fundamental participação ativa do espectador na obra, o uso preciso do vago, o princípio de que o que à primeira vista parece caótico e interminável gradativamente pode dar sinais de que conduz a algum lugar, que é preciso repetir, repetir, repetir, repetir até ficar diferente, que é bom saber incorporar o acaso à criação artística. Precisamos desnudar a nossa alma para revelar a capacidade de sermos leves, sonhar com indizíveis, impossíveis, inexplicáveis, indefiníveis. E associar o traço visível à coisa invisível criando volumes, texturas, cores, palavras, desenhos, aberturas, e caminhos para um novo pensamento. (NAKAO, 2005, p. 19)

O rasgo que Nakao fez em suas criações, na presença de todos, me pareceu uma atitude forte e cheia de simbolismos. Rasgar aquilo que serviu para ser contemplado. Romper com uma lógica habitual de um desfile. O contato com esse acontecimento me impactou. Deslocou meu olhar para a roupa, para o corpo, para a espetacularização. Posteriormente, já na graduação em artes, percebi que sua ação poderia ser aproximada a aspectos da *performance art*, no sentido de criar uma ruptura impactante no contexto em que se apresenta.

Eu mesma, tão apegada às roupas, aos tecidos, aos materiais, me vi atônita ao me deparar com a cena. Como poderia o estilista destruir suas próprias criações? E ainda fazer disso a grande cena final do desfile? Depois de conquistar todo o público com a beleza das peças? Esse rasgo na cena me perturbou por algum tempo. Talvez tenha sido um impulso para meu interesse de aproximação com as artes.

1.3 Costureira-artista

Optei por Artes Visuais apostando que o curso me acrescentaria novos olhares e modos de composição em minha caminhada como costureira-criadora. Depois de estudar técnicas de costura, exercitar composições em moda e estilo, estava interessada em novos conhecimentos sobre estética visual e arte conceitual.

Durante a graduação na UFU tive conhecimentos gerais do campo das artes visuais, história da arte, técnicas diversas de escultura, cerâmica, desenho, pintura e instalação. De modos diversos fui associando os novos aprendizados ao meu universo criativo das vestimentas. Meus trabalhos nas disciplinas tinham frequentemente um estilo meio jocoso, misturando muitas cores e seres mágicos.

Durante o curso tentei fazer o que faço na vida, encostar no que me encanta, em cada pequeno detalhe. Inserir ou reconhecer cor, forma, movimento, magia, mesmo que em ínfimos detalhes. Aos poucos fui descobrindo materialidades e redescobrando também o meu corpo.

Uma das disciplinas que devo destacar é Corpo e Expressão, ministrada pelo professor Dr. Paulo Buenoz. Fomos por ele instigados a iniciar um processo criativo que fosse atravessado por um sentimento de vida. Algo que nos inquietasse e nos atravessasse de fato. Durante o semestre estudamos sobre *Performance Art*, referenciada por vários artistas que desde o final da década de 60 tem criado um campo de ação e composição que tomou corpo na História da Arte.

Reconheci um lado da arte muito engajado na vida, na experiência pessoal entendida como potência estética e política. Na inseparabilidade entre arte e vida, na construção de estados de atenção e de presentificação, de ritualização das ações como obra de arte.

A pesquisadora e artista da cena Eleonora Fabião, problematizando a falta de definição de *performance art*, dá alguma luz sobre o que de comum possa haver entre vários trabalhos e vários artistas do campo, reconhecendo em todos as potencialidades em “des-habituar, des-mecanizar, escovar à contra-pêlo”:

Trata-se de buscar maneiras alternativas de lidar com o estabelecido, de experimentar estados psicofísicos alterados, de criar situações que disseminam dissonâncias diversas: dissonâncias de ordem econômica, emocional, biológica, ideológica, psicológica, espiritual, identitária, sexual, política, estética, social, racial. (FABIÃO, 2008, p. 237)

Nas experimentações em performance há engajamento do artista com sua ação, com o presente dos acontecimentos, com o jogo de seu corpo e o ambiente, com o contexto e também com o público que testemunha um acontecimento, fugindo à representação e buscando fazer da ação o elemento primordial do acontecimento. Trata-se de uma reinvenção de modos de vida, de experimentação estético-política, que pode ajudar a pensar e viver o mundo de outras formas, muitas vezes desviantes das normativas sociais.

Ao abordar o assunto e a prática de performance a partir de diferentes referentes, a autora apresenta a ideia de programa performativo que para ela é um conjunto de práticas realizadas de formas diversas, definidas pelos próprios artistas, como um motor de experimentação, uma prática que “deflagra negociações de pertencimento; ativa circulações afetivas impensáveis antes da formulação e execução do programa. É motor de experimentação psicofísica e política.” (FABIÃO, 2013, p. 04).

Ao definir “programa performativo”, Eleonora Fabião diz ser:

um tipo de ação metodicamente calculada, conceitualmente polida que, em geral, exige extrema tenacidade para ser levada a cabo e que se aproxima do improvisacional, exclusivamente na medida em que não seja previamente ensaiada. (FABIÃO, 2008, p.237).

As ações performáticas, por mais simples que possam parecer serão previamente planejadas e pensadas, exigindo um rigor de preparação e de engajamento pessoal, embora não sejam ensaiadas, justamente para que não sejam representações de algo, mas sim experiências vividas, desarticuladoras de hábitos e percepções comuns.

Um programa é um ativador de experiência. Programas anunciam que “corpos” são sistemas relacionais abertos, altamente suscetíveis e cambiantes. A biopolítica dos programas performativos visa gerar corpos que ultrapassam em muito os limites da pele do artista (FABIÃO, 2008, p. 237)

Para ela estes programas dinamizam nossas experiências e maneiras de agir e pensar a arte na contemporaneidade, sendo esta a força da performance: “turbinar a relação do cidadão com a polis; do agente histórico com seu contexto; do vivente com o tempo, o espaço, o corpo, o outro, o consigo” (FABIÃO, 2008, p. 237).

Para mim, enquanto mulher e pretensa artista, foi muito instigante conhecer o trabalho de artistas como Marina Abramovich, Ana Mendieta, Valie Export, Cindy Schermann, e outras que exploraram, ou ainda exploram, as relações entre corpo, meio, audiência, os limites físicos e psíquicos, a coragem, os riscos e o confronto pela desobjetificação do corpo feminino.

Me encontrar com este universo provocativo das artes me fez conectar a novas experiências e revisitar meu corpo e minhas relações com os ambientes e os outros. Embalada pelas aulas de Paulo Buenoz, me veio a pergunta-provocação feita pelo mesmo: - “o que pede arte”? E em seguida me pergunto: o que pede meu corpo? O que pede ou pode o momento?

A essas perguntas posso enredar com as que faz Fabião em seu texto, problematizando as complexidades que envolvem este campo de ação.

Cada performance é uma resposta momentânea para questões recorrentes: o quê é corpo? (pergunta ontológica); o quê move corpo? (pergunta cinética, afetiva e energética); o quê o corpo pode mover? (pergunta performativa); quê corpo pode mover? (pergunta bio-poética e bio-política). (FABIÃO, 2008, p. 237).

São muitas as questões que as artistas do corpo fizeram e têm feito a si mesmas e ao mundo a partir da performance. Em contato com esta efervescência de questionamentos, fui me repensando enquanto costureira-artista. O que me pede a

arte ou o que eu peço dela? O que cotidianamente me atravessa? Me transborda? O que está grudado em mim e não se descola? Como fazer do meu corpo, de minha vida, uma obra?

Me deparei com questões dessa ordem pela primeira vez juntamente às provocações do professor Paulo, que solicitava a criação de um trabalho final de disciplina. Minha escolha de tema foi atravessador e não poderia deixar de ser ligado a roupa enquanto matéria vestível, carregada de memórias, simbologias e possibilidades.

Encarei o desafio da disciplina como uma oportunidade de entremear ideias de moda e arte e investigar ações a serem desenroladas. Para esse trabalho pensei na ideia de roupa plural, que fosse adaptada à vários corpos, com altura e peso diferentes.

O desejo inicial era que uma roupa que me vestia, vestisse também minhas duas companheiras de casa, sendo três corpos com proporções bem distintos. Experimentamos o modo como aquela roupa feita para meu tamanho se transformava no corpo das outras duas. Sou a menor delas e usar as roupas compartilhadas trazia possibilidades de customizações para que as roupas delas servissem em mim também e vice-versa. Eu pegava uma blusa e a usava como vestido, ou pegava uma saia e ajustava a cintura com alfinetes ou cinto e transformava um tamanho 44 em um 38.

Ao final da investigação, gravamos um vídeo em que apresento os três corpos trocando de roupas, remodelando cada peça à beleza diversa de cada uma, montando vários *looks* em cada uma, a partir das mesmas peças.

Essa foi minha primeira experiência de artista-estilista-performer. Entendi minha intenção e desejo de trabalhar com roupas enquanto matéria ou conceito entremeado à performance e senti que poderia avançar nas perguntas sobre o que pode o corpo, o que pode as roupas e o que “isso” me atravessa.

CAPÍTULO 2. Costuras, fissuras e a performance que (não) aconteceu

2.1 Primeira fissura

Durante o período que se seguiu à disciplina e dos estudos em performance, vivi uma grande fissura na narrativa de vida e afeto com o mundo. Minha mãe querida faleceu. Perdi repentinamente meu referencial feminino, minha ligação mais profunda de amor. Minha companheira com quem compartilhava histórias, memórias, saberes e aprendizados. A pessoa que me colocou no mundo e que eu tanto amava. Minha referência de costura e afeto. O luto me tomou por meses. A vida pareceu não fazer sentido. As cores desbotaram. Os brilhos se tornaram foscos. A comida sem sabor.

Com o passar dos anos fui tentando fazer um enfrentamento do luto, aliviar a dor da perda, me apoiar nos meus motivos de vida e nas pessoas que me cercavam, na família que escolhemos por afinidade. Os amigos mais queridos e próximos.

Quanto às roupas de minha mãe, em tempo, separei as que eu mais amava, aquelas que eu usava e compartilhava com ela. As que eram bem extravagantes em especial. Também os vestidos costurados por ela mesma e que lhes dedicavam um apreço especial. Em várias peças consigo sentir o cheiro de mamãe. Talvez uma mistura de seu perfume preferido mesclado ao de suor impregnado de sua pele. Um cheiro só dela e que talvez nenhuma lavagem possa tirar.

Desde sua morte, tenho usado seus vestidos na data de seu aniversário, como uma espécie de ritual, como celebração, em que eu a presentifico em desejo preenchido de tecidos e memórias, de gratidão e saudades. Eu sinto as roupas. E sinto minha mãe. Eu me sinto.

Depois deste rasgo feito no tecido de minha existência, as perguntas feitas pelo professor Paulo, sobre o que me atravessava na vida e na arte, passaram a ter um motivo fundamental e do qual eu não poderia escapar, lidar com a ferida de um luto que demora a se tornar cicatriz.

Tive a oportunidade então de criar uma performance tentando ritualizar e ressignificar meus afetos à minha mãe. Chamei de Costura de Afetos, nome que acabou se mantendo em ações seguintes e também o presente TCC. Ao que considero o primeiro trabalho, escolhi um vestido de mamãe, feito por ela e me vesti com ele. Parei em um espaço cercada de pessoas e passei horas bordando no próprio vestido, repetidas vezes, a palavra MÃE. Tracejada em linhas vermelhas.

Ao mesmo tempo em que vivia meus motivos de rito, minha autocostura da perda encarnada, minha ligação umbilical direta, oferecia a ação também para o público a quem a performance se fez presente. A palavra mãe é signo que diz respeito a todos. Somos todos filhos da mãe! E não poderemos negar que descendemos de vidas anteriores às nossas.

De um motivo pessoal, íntimo, doloroso e profundo, compartilho a subjetividade do que se dá a ver. Uma mulher que insiste em costurar a palavra mãe em vermelho, ato aberto à subjetividade dos outros, dos afetos a serem completados pelas memórias, histórias e afecções de quem vê.

FOTOGRAFIA 1 – Performance “Mãe – Costuras de afeto”



Fonte: Arthur Ayroso (2015)

FOTOGRAFIA 2 – Performance “Mãe – Costuras de afeto”



Fonte: Arthur Ayroso (2015)

FOTOGRAFIA 3 – Performance “Mãe – Costuras de afeto”



Fonte: Arthur Ayroso (2015)

FOTOGRAFIA 4 – Performance “Mãe – Costuras de afeto”



Fonte: Arthur Ayroso (2015)

2.2 A segunda fissura

Na caminhada final de minha graduação em Artes Visuais, decidi dar sequência aos desdobramentos da costura de afeto, iniciada à partir das roupas guardadas de mamãe e da relação com sua dolorosa ausência.

Mas decidi renovar os sentidos e avançar nos afetos. Fui entendendo que gostaria de expandir a rede de pessoas e de roupas e incluir peças minhas e de amigos queridos para uma nova ação. Uma nova composição na “Costura de Afetos”.

Com as vivências que fui obtendo com as roupas de mamãe e trazendo o olhar para as minhas próprias, fui me dando conta de como as roupas têm memórias, guardam histórias e parecem conter segredos vividos entre suas marcas de uso. Quando pego uma peça em meu *closet*, esse que já tentei tantas vezes esvaziar, desapegando de meu colecionismo, me lembro de lugares, situações, pessoas e

emoções diversas. Às vezes penso o que trazem as roupas dos brechós, quando estou a garimpar. Me pergunto por quais corpos passaram? Quantas coisas testemunharam?

Olhar para as roupas com respeito a suas materialidades, seus tempos vividos, seus usos e reusos, me faz sentir na contramão do fluxo da programação capitalista de produção e descarte. O que traduz a base do mercado da moda em que as coleções, os cortes, as cores são passageiras e estão sujeitas ao descarte na próxima estação. Quase como no desfile de Jun Nakao em que as roupas de papel são rasgadas logo após alguns minutos de holofote.

No contra fluxo do interesse massivo e exploratório da indústria da moda e consequentemente da costura, me interessei por um novo horizonte de resistência ao conhecer o movimento ativista internacional *Fashion Revolution*, que surgiu após a tragédia do edifício Rana Plaza, em Bangladesh na Índia, quando desabou em 2013, matando 1.132 pessoas e ferindo mais de 2.500 pessoas. O prédio abrigava várias fábricas de roupas das maiores marcas de moda globais, empregando cerca de 5.000 pessoas. Sendo noticiado como o quarto maior desastre industrial da história, as vítimas eram em sua maioria mulheres jovens e costureiras, vivendo condições de exploração desumanas.

Após essa barbárie, ergueu-se então um movimento global de *designers*, acadêmicos, escritores, líderes empresariais, formuladores de políticas, marcas varejistas, comerciantes, produtores, criadores, trabalhadores e amantes da moda. Se identificando como sendo, a indústria e o público, cidadãos do mundo. Esses criaram o *Fashion Revolution*.

O Manifesto para a Revolução da Moda, disponível no site do movimento diz em sua seção #7:

Fashion never unnecessarily destroys or discards but mindfully redesigns and recuperates in a circular way. Fashion is repaired, reused, recycled and upcycled. Our wardrobes and landfills do not overflow with clothes that are coveted but not cherished, bought but not kept.¹

¹ Em tradução livre: “A moda nunca destrói ou descarta desnecessariamente, mas redesenha e se recupera de forma consciente e de maneira circular. A moda é reparada, reutilizada, reciclada e reciclada. Nossos guarda-roupas e aterros sanitários não transbordam de roupas que são cobijadas, mas não apreciadas, compradas, mas não mantidas.”. FASHION REVOLUTION. **Manifesto:** for a fashion revolution. Disponível em: <https://www.fashionrevolution.org/manifesto/>. Acesso em: 04 jun. 2021.

Conhecer o movimento, me reconectando com meus interesses passados, com a moda e com as artes visuais me serviu de apoio para seguir pelos caminhos que estava sendo trançado, desde meu colecionismo e apreço pelas roupas familiares e pessoais, rumo ao desejo em fazer performance com elas. Outras formas de reuso, não mais na moda, mas sim na Arte.

Para o TCC, decidi pela insistência em trabalhar com roupas, afetos e novos usos e encorajada pelo meu orientador, o professor Ricardo Alvarenga, decidi criar um programa de performance que envolvesse a trama das histórias e memórias que alinharei até aqui.

O primeiro passo do programa foi convocar os amigos a me doarem roupas de afeto. Mandei o convite por *app* e redes sociais e tive um bom retorno. Durante meses amigos me mandaram suas roupas. Recebi de todos os tipos e com memórias afetivas distintas. Presentes de ex-namorados, roupas de outra pessoa querida que morreu, aquele *short* que não cabia mais e trazia memórias de dias ruins, peças garimpadas em brechós e que foram usadas muitas vezes antes de chegar até mim.

Enquanto recebia as roupas, fui elaborando as partes seguintes do que seria meu programa performativo, quando uma fissura trágica se deu em nossas vidas em proporções maiores: a pandemia do novo Coronavírus.

FIGURA 5 – “O convite”



Fonte: acervo pessoal

Me vi impedida de realizar o que estava programando para o trabalho final de conclusão de curso. Que seria uma performance de longa duração em galeria com a montagem de uma instalação ao final. Como não pude fazê-la, dedico as linhas que seguem para descrever o programa elaborado e fazê-lo acontecer de alguma maneira, ainda que seja de forma textual.

Me projetei em uma galeria ou sala ampla de paredes brancas. De um lado uma máquina de costura reta industrial com linha vermelha já em sua agulha, uma pequena mesa de apoio e uma cadeira. De outro uma montanha de peças de roupa de afeto. Eu entraria vestida com uma roupa neutra. Pegaria duas peças de roupa na montanha, me sentaria a máquina e começaria a costurar uma na outra, feito isso, eu me levantaria, pegaria outra peça de roupa e me sentaria novamente para emendá-las às anteriores e assim faria, sucessivamente, até não haver mais a montanha e a colcha estivesse a cobrir parte do chão. As peças de afetos se transformariam, por fim, numa grande colcha de retalhos à ser instalada nas paredes e/ ou no teto da sala/galeria.

A ação previa mais ou menos 8 horas de duração e ao final contaria com a colaboração de parte dos doadores de roupa, e do público presente para ajudar na composição da colcha no espaço instalativo.

Mas diante do que não poderíamos prever, o que poderia ter sido, não foi. O que ficou da ideia ofereço aqui em forma de texto, fazendo-a existir de algum modo, sendo então, a performance que não aconteceu.

2.3 Re-costuras

Quando tivemos acesso às primeiras notícias da pandemia do novo Coronavírus não tinha ideia de como essa doença nos afetaria. No exterior as primeiras mortes já estavam preocupando as autoridades e o assunto era recorrente em todos os noticiários. Por aqui, fomos informados sobre a quarentena e que tudo iria fechar e a regra era clara #FIQUEEMCASA.

Sendo assim, a Organização Mundial de Saúde (OMS) fez um comunicado sobre a recomendação e importância do uso de máscaras e sabão ou álcool gel para higienizar as mãos. As máscaras servem de barreira, reduzindo a propagação de

gotículas de saliva infectadas com o vírus, sendo até então a melhor medida preventiva ao contágio.

As notícias de mortes pelo novo Coronavírus não paravam de aparecer e o caos estava se espalhando pelo mundo, eis que teve um novo comunicado do presidente da OMS para que a população não comprasse as máscaras de material descartável e os equipamentos de proteção individual, orientando que as máscaras cirúrgicas fossem reservadas para os profissionais da saúde e por pessoas já infectadas pelo vírus. Por motivo de escassez era preciso deixar para uso restrito.

Neste período, apareceram vários tutoriais de vídeos na internet de pessoas ensinando a fazer máscaras caseiras, com meias e outros materiais, e também, muitos vídeos de costureiras compartilhando técnicas de como confeccionar máscaras. Amigos me mandaram links me sugerindo que fizessem máscaras para eles. Acabei me interessando pela possibilidade. Me arrisquei em alguns retalhos de tecido e consegui fazer. Aos poucos fui me aperfeiçoando.

Neste contexto e movimento, ficar presa em casa, viver todo um colapso mundial no sistema de saúde, acompanhar o noticiário com o número crescente de mortes. Estava cercada de medo e anseios, além disso, entreposta ao desafio de finalizar meu trabalho de conclusão de curso no atual “novo normal”.

Me deparei com as sacolas de doações das roupas de afeto. Me vi também abarrotada de roupas minhas e de minha mãe, aquelas separadas para a colcha que as uniriam em costuração, em uma peça única a repousar instalada no espaço da performance que não aconteceu. Tive então uma nova ideia de programa que me colocou na contramão de meus hábitos.

Decidi fazer o contrário do que eu faria com as peças de roupas. Ao invés de uni-las em um objeto único a ser contemplado em espaço de exposição, decidi desfazê-las e transformá-las em máscaras. A obra que uniria as peças passaria a ser a ação que as dispersaria, o que tornaria cada peça uma mini obra para mim, e um objeto de proteção à saúde para quem fosse usá-la.

Me dediquei ao trabalho de separar as roupas divididas em vários sacos plásticos, logo formou-se uma grande montanha em meu quarto. Garimpei os tecidos que poderiam ser adequados para uma proteção mais reforçada e dupla. Comecei então, peça a peça, desfazer costuras, separar as partes maiores dos tecidos para poder recortar e costurar. Costurei, por horas, por dias, por semanas, resultando em muitas máscaras.

Durante o tempo de trabalho, fui resignificando minha costura, minha trajetória, meus anseios, meus afetos. Costurei até doer os dedos, até doer o corpo todo, até lavar a alma. Me vi atravessada na teia de tecidos e memórias, cortando e costurando minha performance de isolamento.

Minhas costuras de afeto estavam agora voltadas à proteção de pessoas contra à contaminação. Para elas, artigos de utilidade, para mim obras que compactuam com toda a trama afetiva que circulou suas existências e feitura.

Minhas mini obras estavam espalhadas e cobrindo os rostos das pessoas, de amigos e de desconhecidos também. Essa foi a performance possível, aquela que aconteceu, que ofereço o testemunho e relato e um vídeo produzido pelas companheiras Luana Oliveira e Thaneressa Lima e com o olhar atento e afetuoso de Thiago Paulino que registrou as imagens.

O Trabalho manual potencializou o cuidado também no fazer das embalagens de cada mini obra, em que reusei saquinhos de papel de pão e papel de molde que estavam guardados no ateliê. Nos pacotes seguia a ideia sustentável de reaproveitamento de materiais, dentro deles pedaços de minha trama em forma de máscaras.

ARREMATES FINAIS

Foi assim que cheguei até aqui, fazendo a costuração de uma trama que me vi envolvida desde criança, desde a convivência com vovó, mãe, tia. De lá até os tempos atuais, muitas coisas aconteceram, de boas a péssimas, de encontros e despedidas. No percurso, as tramas de afeto foram se estendendo fortalecidas pelas amigas, pelos novos conhecimentos, pelas experiências com as artes. Passei a perceber as potencialidades do ato de costurar expandindo os modos de existir, as maneiras e os usos que podemos fazer de saberes técnicos como esse, o de unir tecidos, de fazer roupas e cuidar das vestes do corpo. Saberes estes que historicamente foram repassados entre mulheres.

Busquei criar fricções entre perfis geracionais da costura passando pelo doméstico, vinculado à imagem de mulheres donas de casa, pelo técnico-profissional da mão de obra de fábrica e pelo perfil criativo da moda estilo. Deste conjunto histórico busquei dar um passo adiante, elaborar a costura como forma de arte, emancipá-la como atividade criadora capaz de costurações diversas e de reparações possíveis nas

tramas estruturais do patriarcado. Tramas essas das quais queremos construir novas vestes.

Descobri na minha máquina de costura, nas minhas ideias, nos meus estudos e desejos as ferramentas para lidar na dura batalha de costurar no dia a dia, peças de um mundo melhor, mais humano, menos afetado pela cobiça e mais aberto à fraternidade, a valorização da diversidade e do respeito ao ambiente. Neste caminho seguem as lutas de muitas de nós, que fabulam novos e melhores tempos. A artista-costureira-estilista resiste, re-existe e segue desejando novas costurações.

REFERÊNCIAS

- FABIÃO, Eleonora. PROGRAMA PERFORMATIVO: o corpo-em-experiência. **Revista do Lume**, Campinas, n. 4, p. 1-11, dez. 2013. Disponível em: <https://www.cocen.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/article/view/276>. Acesso em: 04 jun. 2021.
- FABIÃO, Eleonora. Corpo cênico, estado cênico. **Revista Contrapontos**, Eletrônica, v. 10, n. 3, p. 321-326, set./dez. 2010. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/2256/1721>. Acesso em: 04 jun. 2021.
- FABIÃO, E. Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea. **Sala Preta**, [S. l.], v. 8, p. 235-246, 2008. DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v8i0p235-246. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57373>. Acesso em: 6 jun. 2021.
- FASHION REVOLUTION. **Manifesto**: for a fashion revolution. Disponível em: <https://www.fashionrevolution.org/manifesto/>. Acesso em: 04 jun. 2021.
- KÄERCHER, KAREN AMBROZI. “Arremates do lar”: um estudo etnográfico sobre saberes e fazeres domésticos entre mulheres que costuram. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & 13th WOMEN’S WORLDS CONGRESS, 2017, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: 2017. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503875093_ARQUIVO_Texto_completo_Karen_Kaercher.pdf. Acesso em: 04 jun. 2021.
- NAKAO, Jum. **A costura do Invisível**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.
- STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.